

BOLSONARISMO E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA: ENSAIO TEÓRICO-REFLEXIVO A PARTIR DO PENSAMENTO DE ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

BOLSONARISM AND VOLUNTARY SERVITUDE: THEORETICAL-REFLECTIVE ESSAY BASED ON THE THOUGHT OF ÉTIENNE DE LA BOÉTIE

Iago Gonçalves Ferreira¹

RESUMO. Nos últimos anos, o Brasil tem vivenciado uma conjuntura de profunda polarização política e social, agravada pela ascensão do fenômeno do Bolsonarismo, movimento político-ideológico caracterizado pelo radicalismo político, pelas pautas conservadoras no âmbito social e liberais na economia, assim como pelo militarismo e armamentismo, sob liderança do ex-presidente Jair Bolsonaro. O extremismo bolsonarista mostrou-se ainda mais evidente nas eleições presidenciais de 2022 e na transição de governo, com os ataques às instituições e à democracia brasileiras. Frente ao cataclísmico cenário político-social brasileiro, esse ensaio teórico-reflexivo busca analisar o fenômeno do Bolsonarismo a partir das perspectivas da obra 'Discurso da Servidão Voluntária', de autoria do filósofo francês Étienne de La Boétie.

PALAVRAS-CHAVE: Política Brasileira; Democracia; Autoritarismo; Tirania.

ABSTRACT: In recent years, Brazil has experienced a situation of profound political and social polarization, aggravated by the rise of the Bolsonarism phenomenon, a political-ideological movement characterized by political radicalism, by conservative agendas in the social sphere and liberal ones in the economy, as well as by militarism and armaments, under the leadership of former President Jair Bolsonaro. Bolsonaroist extremism was even more evident in the 2022 presidential elections and in the transition of government, with attacks on Brazilian institutions and democracy. Faced with the cataclysmic Brazilian political and social scenario, this theoretical-reflective essay seeks to analyze the phenomenon of Bolsonarism from the perspectives of the work 'Discourse of Voluntary Servitude', by the French philosopher Étienne de La Boétie.

KEYWORDS: Brazilian politics; Democracy; Authoritarianism; Tyranny.

¹ Médico, Mestre em Ensino e Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

INTRODUÇÃO

Na última década, o Brasil tem vivenciado um cenário de profunda polarização política e social. A crise de representatividade político-partidária, a estagnação econômica e a ascensão de movimentos de extrema-direita delinearam uma conjuntura de instabilidade institucional e de graves ameaças ao Estado Democrático de Direito no país. O inconformismo e a aversão de determinados segmentos sociais ao meio político — e à própria Política — favoreceu a candidatura à Presidência do capitão do Exército reformado Jair Messias Bolsonaro, que alçou ao cargo após a vitória nas eleições de 2018.

Ao longo do mandato presidencial, Bolsonaro atuou mais como candidato que estadista, incitando conflitos com os demais poderes da República, inflamando suas bases de apoiadores e parlamentares com reiteradas investidas contra governadores e ministros do Superior Tribunal Federal (STF)¹, bem como afrontando as instituições por meio de ameaças veladas de ruptura democrática. As posturas beligerantes de Bolsonaro encontravam suporte em seus grupos de apoiadores e correligionários, articulados e organizados para fortalecer as retóricas e pautas alçadas ao debate público pelo ex-presidente.

Comprometidas com a defesa do projeto de Bolsonaro, as bases bolsonaristas organizaram recorrentes ações pró-governo, mobilizando-se ativamente nas redes sociais e aplicativos de mensagens, bem como nos protestos e nas famigeradas 'motociatas', atos convocados pelo próprio mandatário como demonstração de apoio e legitimidade política, mesmo nos períodos mais críticos da pandemia da Covid-19.

Frente a esse cenário, as movimentações bolsonaristas no decorrer da 'corrida eleitoral' de 2022 não se presumiriam menos exorbitantes. Ao contrário, revelaram-se ainda mais intensas e difusas, avigoradas pela ampla base de parlamentares candidatos apoiadores do governo. Por conseguinte, os militantes bolsonaristas demonstraram um pujante e obstinado empenho em prol de sua reeleição, externando ânimos bastante aguerridos e exaltados, que culminaram em casos de violência ao longo da campanha. Contudo, a despeito da renitência dos seguidores e atuação impetuosa governista, Bolsonaro foi derrotado no segundo turno das eleições pelo então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Em convergência com a retórica contestatória e beligerante — fomentada por Bolsonaro durante todo o mandato—, agrupamentos bolsonaristas passaram a rejeitar o resultado do pleito, questionando a confiabilidade das urnas eleitorais e a imparcialidade do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Assim, ainda no dia 30 de outubro de 2022, organizaram-se em bloqueios em rodovias, passeatas e

acampamentos em frente a quartéis, requerendo a intervenção das Forças Armadas e o impedimento da posse do presidente eleito Lula.

Nessas manifestações antidemocráticas e inconstitucionais, cenas de excentricidade, desvario e fanatismo político foram difundidas pelas redes sociais, plataformas de vídeos e aplicativos de mensagens instantâneas, explicitando ao país o quadro de dissonância cognitiva que parcela da população vivenciava. Tais movimentos se estenderam ao longo dos últimos meses de mandato de Bolsonaro, atingindo o ápice da insensatez e barbaridade nos ataques deflagrados às sedes dos Três Poderes da República, por grupos bolsonaristas, em 8 de janeiro de 2023.

Diante de tal cataclismo histórico, emergem indagações e incompreensões acerca dos sustentáculos do bolsonarismo, que subsidiam os despautérios de seus apoiadores. À vista disso, sob o prisma dos recentes acontecimentos, esse ensaio teórico-reflexivo busca analisar o fenômeno do bolsonarismo a partir dos conceitos e perspectivas da obra '*Discurso da Servidão Voluntária*', de autoria do filósofo francês Étienne de La Boétie (1530-1563), tendo em vista que, embora concebido há cerca de cinco séculos, o escrito desenvolve importantes reflexões e concepções acerca das dinâmicas de idolatria e fanatismo que podem surgir entre grupos sob a influência de personalidades tirânicas.

A irrupção do bolsonarismo: a reascensão da extrema-direita brasileira sob o culto a Bolsonaro

Os momentos de autoritarismo e regressão democrática têm sido recorrentes na história do Brasil. Seja na Proclamação da República em 1889, advinda de um golpe militar, na Revolução de 1930 e Estado Novo em que Getúlio Vargas ascendeu à Presidência e estabeleceu um regime ditatorial, ou no Golpe Militar de 1964 e seus subsequentes "Anos de Chumbo" (1964-1984), a democracia brasileira têm convivido com ameaças e supressões reiteradas, evidenciando um caráter pendular das dinâmicas político-sociais brasileiras (AVRITZER, 2018; GOMES, 2020).

Segundo Avritzer (2018), a natureza pendular dos processos político-sociais brasileiros manifesta-se ora a partir de um forte entusiasmo democrático, propiciando a ampliação da soberania popular e dos direitos, ora por fortes divisões políticas e dissonâncias na sociedade, contribuindo com a ascensão de projetos políticos autoritários (AVRITZER, 2018). Nesse sentido, a conjuntura de cisão e polarização política e social emergente no país, a partir das Jornadas de Junho de 2013 e a acirrada disputa eleitoral de 2014, favoreceu o ressurgimento de movimentos e visões políticas de extrema direita no Brasil, os quais encontram espaço na candidatura do então deputado federal Jair Messias Bolsonaro.

Assim, após décadas de desempenho parlamentar incipiente e controverso no Congresso Nacional, o capitão reformado Bolsonaro vislumbrou a oportunidade de se alçar à Presidência da República em sequência à derrota do candidato de centro-direita Aécio Neves para a petista Dilma Rousseff nas eleições de 2014. Em discurso na formatura de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ao final daquele ano, Bolsonaro prenunciou sua candidatura presidencial no pleito de 2018, com o objetivo de “jogar o Brasil para direita”², de acordo com o parlamentar.

Nos anos subsequentes, em meio ao inconformismo de expressivos segmentos da sociedade com a reeleição da ex-presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro procurou incessantemente viabilizar sua candidatura presidencial, promovendo-se através de reiteradas aparições e participações em programas jornalísticos e de entretenimento, engajando as bases de apoiadores nas redes sociais, além de realizar viagens a diversas localidades do país, conquistando simpatizantes e militantes para a futura campanha à Presidência. Dessa maneira, o movimento de extrema-direita capitaneado por Bolsonaro se adensou e difundiu progressivamente, baseado nas agendas de costumes, na opressão de minorias identitárias, no militarismo e ufanismo nacionalista, e na defesa do armamentismo civil.

Por conseguinte, não obstante os 27 anos de mandato parlamentar, Jair Bolsonaro emerge ao pleito eleitoral de 2018 sob a reivindicação de papel de ‘outsider antissistema’, em similaridade à estratégia adotada por sua principal inspiração política a época, o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, que havia incorporado a retórica de ‘outsider’ em sua campanha eleitoral vitoriosa de 2016.

Nesse sentido, a campanha de Bolsonaro à Presidência assumiu como temas, além das tradicionais pautas militares e conservadoras dos tempos de parlamentar, a crítica veemente às gestões petistas e o “combate ao comunismo”, a defesa do livre mercado e da redução do Estado — personificados na figura do aspirante a ministro da Economia Paulo Guedes —, bem como a bandeira anticorrupção, valendo-se do forte apelo midiático e popular que gozavam a Operação Lava-Jato e seus principais personagens o juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol.

A despeito dos oitos segundos em cada bloco de propaganda eleitoral e das onze inserções ao longo do primeiro turno³, a candidatura de Bolsonaro incorporou o amplo uso das mídias digitais e redes sociais como principal estratégia de mobilização de apoiadores e divulgação da campanha, atenuando assim a discrepância em relação aos demais candidatos. Ademais, o atentado sofrido por Bolsonaro, durante ato de campanha na cidade de Juiz de Fora em 6 de setembro

de 2018⁴, capturou o noticiário e o debate público do país, tornando-o ainda mais conhecido entre a população.

Frente a pulverizada e acirrada disputa eleitoral de 2018, a inviabilização da candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — substituído por Fernando Haddad — também contribuiu com o processo de ascensão de Bolsonaro, que alcançou o segundo turno em ampla vantagem, favorecendo expressivamente as eleições de parlamentares e governadores aliados. A denominada ‘onda bolsonarista’ possibilitou a eleição de 52 deputados federais, quatro senadores e três governadores do partido do candidato (Partido Social Liberal - PSL) (ALMEIDA, 2019), revelando a força do movimento de extrema-direita no Brasil.

O segundo turno das eleições foi marcado por uma polarização intensa entre as candidaturas de Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), em que a campanha petista tentou ressaltar os riscos de uma eventual eleição de Bolsonaro, tendo em vista o histórico de apoio à ditadura militar e a opressão às minorias pregadas pelo parlamentar, ao passo que o discurso bolsonarista focava-se nas pautas de costumes, no medo de uma deterioração da economia brasileira em semelhança ao cenário da vizinha Venezuela e, sobretudo, na exploração dos escândalos do ‘Mensalão’ e ‘Petrolão’ atribuídos aos governos do PT.

Em meio à conjuntura adversa e polarizada, Bolsonaro elegeu-se Presidente da República em 28 de outubro de 2018, obtendo 57.797.847 de votos (55,13% dos votos válidos) pela Coligação ‘*Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos*’ (BRASIL., 2018). A vitória de Bolsonaro baseou-se em um eleitorado predominantemente do Centro-Sul, masculina, branca e de classe média, com importante aderência dos grupos evangélicos (ALMEIDA, 2019; BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021).

Segundo Almeida (2019), as principais dinâmicas políticas e sociais que propiciaram a emergência de Bolsonaro referem-se ao papel do Estado na economia e as pautas de moralidade e costumes. Acerca das ações do Estado, parte da classe média brasileira compreendeu as políticas de inclusão e proteção social dos governos petistas como instrumentos de fomento à acomodação e fidelização dos beneficiados a um partido político. Tal concepção se agravou com a deterioração econômica iniciada em 2015, que favoreceu o surgimento de um sentimento de desamparo, por do Estado, nessas parcelas da sociedade. Como resultado, avultaram-se discursos e ideias de valorização da iniciativa privada e do esforço individual, convergentes ao campo político neoliberal (ALMEIDA, 2019).

Por outro lado, as transformações sociais, as conquistas de direitos e o processo de secularização, emergentes desde a redemocratização, produziram um movimento de reação por parte de determinados setores e grupos conservadores da sociedade brasileira, delineando assim uma conjuntura de

disputa pela moralidade pública, favorecida pela expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais no país nas últimas décadas, cujas concepções religiosas revelam forte apelo moralizante (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, frente às particularidades e ao ineditismo do movimento conservador de extrema-direita ascendente no Brasil por intermédio de Bolsonaro, pesquisadores da área de ciências sociais procuraram compreender a constituição, as motivações e as repercussões do fenômeno social que se revelava, o qual tornou-se conhecido como 'Bolsonarismo', tendo em vista o marcado caráter personalista, idolátrico e até mesmo messiânico demonstrado por seus seguidores.

Esses traços típicos do Bolsonaro manifestaram-se claramente — e incrementalmente — ao longo do governo Bolsonaro, de maneira que, a despeito do estilo autoritário, postura antidemocrática e reiterados ataques ao meio ambiente, aos direitos humanos e às instituições democráticas demonstrados pelo ex-mandatário, os grupos de apoiadores bolsonaristas atuaram intensamente em apoio ao ex-presidente, ignorando a factibilidade e a plausibilidade de seus argumentos e posições.

A respeito da adoração e anuência irrefletidas provocadas pelo Bolsonaro, Baldaia, Araújo e Araújo (2021) sublinham a influência das redes digitais bolsonaristas nos comportamentos e visões dos seguidores, atuando através da disseminação de informações falsas ou distorcidas, e empregando linguagens e práticas que aprofundam a polarização e a beligerância na sociedade (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Desse modo, organizadas a partir de páginas em redes sociais, grupos em aplicativos de mensagens, canais de vídeos e portais de mídia alternativa, as redes bolsonaristas procuram, além de influenciar os comportamentos das bases de apoio a Bolsonaro, pautar os debates da esfera pública brasileira.

Em perspectiva consonante, Gomes (2020) salienta a recusa a informação e a aversão ao conhecimento como marcantes traços do Bolsonaro, de maneira a exercerem o papel de mecanismos de defesa e de preservação da vontade autoritária do líder, no caso, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (GOMES, 2020).

Dessa maneira, ante às visões e crenças que alimentam os comportamentos e posicionamentos devotos dos bolsonaristas, a obra 'Discurso da Servidão Voluntária' de Étienne de La Boétie pode contribuir para a compreensão desse fenômeno político-social denominado Bolsonaro.

Bolsonarismo e Servidão Voluntária: as dinâmicas entre bolsonaristas e Bolsonaro sob a perspectiva de Étienne de La Boétie

Étienne de La Boétie (1530-1563) foi um notável filósofo e escritor — nascido na cidade de Sarlat-la-Canéda, sudoeste da França — o qual refletiu acerca de contextos políticos e sociais do século XVI, elaborando diversos escritos ao longo de seus 32 anos de vida. Dentre os manuscritos de La Boétie, destaca-se a obra '*Discurso da Servidão Voluntária*', publicada somente em 1576 por intermédio de seu grande amigo, Michel de Montaigne, que postergou a divulgação do texto por considerar a conjuntura política francesa, à época, bastante efervescente (GRANDI; PINHEIRO, 2022; SOUSA, 2017).

Segundo relatos de Montaigne, La Boétie teria produzido sua obra mais notória, '*Discurso da Servidão Voluntária*', quando tinha entre 16 e 19 anos. Todavia, estudos recentes têm considerado que, ante à complexidade, originalidade e contundência do texto, a versão final adviria de uma análise mais elaborada de Étienne, após ter ocupado diversos cargos administrativos e vivenciado proximamente o funcionamento do Estado francês sob uma monarquia absolutista (GRANDI; PINHEIRO, 2022; KARNAL, 2017; SOUSA, 2017).

No texto de '*Discurso da Servidão Voluntária*', La Boétie aborda as dinâmicas de opressão e subserviência desenvolvidas entre governantes tirânicos e populações governadas, argumentando que o autoritarismo e o poder, impostos por um tirano, advêm do consentimento dos indivíduos, os quais abdicam do exercício pleno de suas liberdades em prol de se sujeitar aos comandos da tirania governante (GRANDI; PINHEIRO, 2022; SOUSA, 2017). A partir desse entendimento, La Boétie concebe o conceito de 'servidão voluntária', na medida em que, como aponta Sousa (2017), "não existe opressão sem o consentimento ativo ou resignado dos oprimidos" (SOUSA, 2017, p. 87).

Não obstante o volume suscinto de texto, cerca de 50 páginas, o escrito de La Boétie é considerado um clássico da filosofia política, desvelando concepções e reflexões que, mesmo após cinco séculos, ainda se mostram pertinentes e relevantes frente aos contextos políticos atuais. Tal abrangência analítica, torna-se evidente a partir das considerações do autor acerca dos tiranos:

[...] como é possível que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações tolerem, por vezes, um tirano sozinho, cujo único poder é aquele que lhes conferem; cujo poder de lesá-los depende apenas da vontade que têm de tolerá-lo; que não lhes faria mal algum se não preferissem sofrer a contradizê-lo (LA BOÉTIE, 2017, p. 34).

Há três tipos de tiranos: uns possuem o reino por eleição do povo, outros por força das armas, outros pela sucessão de sua raça. (...) para dizer a verdade, vejo bem que há alguma diferença entre eles, mas nenhum é preferível a outro; embora os meios de chegar ao reino variem, o modo de reinar é

sempre semelhante: os eleitos tratam o povo como se fossem touros a serem domados; os conquistadores consideram-no sua presa; e os sucessores gostam de fazer dele seu escravo natural (LA BOÉTIE, 2017, p. 47).

Nessas passagens, La Boétie ressalta que as tiranias podem emergir em distintos cenários, povos, nações e regimes políticos, inclusive em democracias, sublinhando assim a amplitude e o caráter atemporal do fenômeno, o que possibilita, em certa medida, a extensão das perspectivas do filósofo para a compreensão do Bolsonarismo no Brasil do século XXI.

Embora gestado desde o término das eleições de 2014, o Bolsonarismo passou a desvelar-se mais claramente na campanha eleitoral de 2018. Enquanto deputado, Bolsonaro tornou-se conhecido pela defesa das pautas corporativas de militares, angariando apoio e votos da “família militar”. Contudo, frente à aspiração presidencial emerge também a necessidade de projeção nacional e, conseqüentemente, de ampliação retórica visando o engajamento de outros segmentos da sociedade (PETRARCA, 2021).

Nessa perspectiva, o Bolsonarismo consolida-se progressivamente no cenário nacional, agregando grupos de evangélicos, de empresários e da classe média, a partir de pautas ideológicas que abrangiam elementos do Conservadorismo⁵, ‘Lavajatismo’⁶ e ‘Olavismo’⁷ (PETRARCA, 2021). Assim, baseando-se em retóricas ideológicas e excepcionalistas, Bolsonaro concebeu sua figura perante o eleitorado brasileiro como um ‘outsider’ da política, um defensor do povo brasileiro, o “escolhido” por Deus para liderar o Brasil rumo à “salvação”.

Por esse prisma, a respeito da construção de representações de apelo popular em tiranias, La Boétie realça a adoção desses recursos retóricos por imperadores romanos:

Os imperadores romanos também não se esqueceram de assumir com frequência o título de tribunos do povo, pois tal ofício era tido como santo e sagrado e, além disso, era estabelecido para a defesa e a proteção do povo, sob o favor do Estado. Por meio dele, garantiam maior confiança popular, como se ao povo bastasse ouvir o título, sem prestar atenção em seus efeitos (LA BOÉTIE, 2017, p. 63).

A retórica de defensor ‘do povo’ e dos ‘valores da família’, concebidas por Bolsonaro, encontram espaço entre grupos sociais que, desde as Jornadas de Junho de 2013, demonstravam despreço e desconfiança em relação ao Estado brasileiro e às instituições, atribuindo ao *status quo* político a responsabilidade por todos os males da sociedade, rotulando-o como a “velha política” (ALMEIDA, 2019). À vista disso, Bolsonaro projeta-se nas eleições de 2018 sob a figura de ‘salvador da Pátria’, preenchendo a lacuna de representatividade entre eleitores

identificados com a direita, ou mesmo entre aqueles insatisfeitos com governos anteriores.

Por outro ângulo, as disputas entorno das agendas ideológicas, incluindo o uso disseminado de estratégias de desinformação, também exerceram a função de desviar a atenção da opinião pública — seja nas campanhas eleitorais ou no decorrer do mandato — acerca dos reais obstáculos e dilemas do país, e conseqüentemente, da incapacidade de Bolsonaro em solucioná-los. Segundo o entendimento de Etiénne, a distração da população figura como importante recurso de alienação e manutenção da servidão:

Os teatros, os jogos, as farsas, os espetáculos, os gladiadores, os animais exóticos, as medalhas, os quadros e outras drogas afins eram, para os povos antigos, as iscas da servidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania. Os antigos tiranos dispunham desse meio, dessa prática, dessas tentações para entorpecer suas vítimas sob jugo (LA BOÉTIE, 2017, p. 60).

A partir dessa compreensão, poder-se-ia depreender que a tirania emergiria somente em razão da alienação dos governados pelo governante, o que figuraria uma interpretação equivocada e temerária, na medida em que isentaria a sociedade de sua parcela de responsabilidade na sustentação dos tiranos. Nessa direção, Yazbek (2020) sublinha que, sob o ponto de vista de La Boétie, o ato voluntário de servidão dos governados “aliena sua própria potência de agir, em benefício da formação de um poder alheio”. Em outros termos, o poder do tirano se “instituí por meio da alienação voluntária da multidão” (YAZBEK, 2020, p. 190).

Por essa perspectiva, grupos bolsonaristas desempenharam um papel estratégico para Bolsonaro, atuando intensamente em redes virtuais na disseminação de narrativas convenientes, notícias enviesadas ou distorcidas, bem como levantando pautas e debates favoráveis ao ex-mandatário (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Dessa maneira, segmentos de apoiadores do ex-presidente incorporavam ideias, discursos e crenças de forma irrefletida e, por vezes, irracional.

Se antes os comportamentos de idolatria e messianismo em torno de Bolsonaro remetiam à passionalidade político-eleitoral, no decorrer do mandato, as manifestações de bolsonaristas adquiriram contornos mais agressivos e impetuosos, abrangendo temáticas distintas do debate público, alcançando maior periculosidade e notoriedade com a emergência da pandemia da Covid-19.

Durante a pandemia, Bolsonaro se posicionou contrariamente às medidas de isolamento social e de uso de máscaras, necessárias ao controle da disseminação da Covid-19, assim como promoveu aglomerações de apoiadores, medicações com ineficácia comprovada no tratamento da infecção por Sars-Cov-2

(hidroxicloroquina e ivermectina), além de desestimular a vacinação contra a doença. Contudo, a despeito das posturas lamentáveis e controversas, parcelas significativas de apoiadores bolsonaristas mantiveram-se devotos à “cartilha” do ex-presidente, mesmo que tais ideias e práticas ameaçassem suas próprias saúdes e vidas.

Sobre a assimilação de comportamentos de risco e prejudiciais por pessoas sob domínio tirânico, La Boétie ressalta que “junto com a liberdade, perde-se em definitivo a impavidez”, de maneira que tais indivíduos tendem a lançar-se “ao perigo de modo quase servil e passivo”, desprezando riscos e almejando “alcançar, por meio de uma morte sublime em meio aos companheiros, a honra e a glória” (LA BOÉTIE, 2017, p. 58).

Sob esse prisma, Grandi e Pinheiro (2022) elucidam que, no exercício do poder, o soberano pode assumir condutas benéficas ou maléficas, contudo, em caso de desvios, não é a coerção que assegura sua posição, mas o consentimento e a aderência dos súditos (GRANDI; PINHEIRO, 2022). À vista disso, a coesão social e o arcabouço ideológico figuram como principais pilares para a sustentação de projetos tirânicos de poder.

Segundo Baldaia, Araújo e Araújo (2021), uma das principais estratégias adotadas pelo Bolsonarismo para manter a coesão entre os apoiadores, bem como lidar com impasses e críticas consiste na cooptação de aliados políticos através de nomeações em cargos públicos e de financiamentos de jornalistas, canais de notícias e influenciadores digitais (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021). Nesse sentido, acerca do poder de atração de governantes tirânicos, La Boétie elucida:

Da mesma forma, tão logo um rei faça-se tirano, todos os perversos, toda a escória do reino (...) àqueles acometidos de uma ardente ambição e uma notável avareza – aglomera-se a sua volta e o apoia para garantir seu quinhão no butim e exercer, sob o grande tirano, a própria tirania (LA BOÉTIE, 2017, p. 70).

A partir desse excerto, pode-se delinear paralelos com a conjuntura brasileira, em que determinados grupos políticos e econômicos assumiram ou assentiram com as retóricas e ações beligerantes e controversas de Bolsonaro, em busca de obter vantagens e benesses do governo.

Todavia, não somente da oferta de privilégios se sustenta o poder de governantes tirânicos, ao contrário, a persuasão retórica e a euforia ideológica figuram como principais pilares de apoio ao regime tirânico. Assim, a mera expectativa de ganhos ou a identificação com o projeto tirânico bastam para afagar seus seguidores, como apontado por Étienne:

Não penseis que há pássaro mais dado ao chamariz ou peixe mais afoito em morder o anzol do que aqueles povos que, tão rapidamente, se entregam à servidão diante da menor isca que se balance (...) é extraordinário como se deixam levar com tanta facilidade, contanto que se lhes afague um pouco (LA BOÉTIE, 2017, p. 60).

Por outro lado, aqueles que desapontam ou frustram as expectativas e ambições de um governante tirânico podem sofrer as consequências, mesmo que outrora tenham o devotado sua Servidão Voluntária, pois “a estupidez de um tirano (...) sempre o impede de praticar ações benevolentes, mas (...) o pouco que tem de inteligência acaba se revelando em sua crueldade, principalmente aquela praticada contra os mais próximos.” (LA BOÉTIE, 2017, p. 75).

Ante as concepções de La Boétie, pode-se notar contextos ilustrativos durante o governo Bolsonaro, em que reiteradamente correligionários e apoiadores do ex-presidente foram afastados de círculos de comando, exonerados de cargos, desautorizados ou aviltados publicamente, ou mesmo perseguidos por grupos bolsonaristas, ante ao não cumprimento de suas ordens, posicionamentos contrários às suas atitudes ou frustrações de suas expectativas. A respeito de condutas como essas, Étienne concebe:

o tirano vê aqueles que lhe são próximos adulando-o e mendigando seu favor: não basta fazerem o que ele lhes pede, também é preciso que adivinhem o que deseja e, com frequência, para satisfazê-lo, que ainda prevejam seus pensamentos. Além de obedecê-lo, devem agradar-lhe; é preciso que se desdobrem, que se martirizem, que se matem de trabalhar em seus afazeres; e ainda que façam do prazer do rei seu próprio prazer, que negligenciem seus gostos em favor dos dele, que reprimam seu caráter e renunciem a sua natureza; é preciso que estejam atentos a suas palavras, a sua voz, a seus sinais e a seus olhos; que não tenham nem olho, nem pé, nem mão, que tudo sirva unicamente para observar suas vontades e adivinhar seus pensamentos. (LA BOÉTIE, 2017, p. 72)

Entre os episódios mais emblemáticos do *modus operandi* de Bolsonaro encontram-se as discordâncias e tensões com os ex-ministros da Justiça e Segurança Pública Sérgio Moro⁸, e da Saúde Luiz Henrique Mandetta e Eduardo Pazuello⁹. A despeito das peculiaridades dos casos, o ex-mandatário manifestou comportamentos semelhantes frente aos menores dissensos entre seus séquitos. Seja descartando, menosprezando ou subjugando, Bolsonaro exteriorizava seu desprezo e desrespeito a antigos aliados e seguidores. Sobre os riscos que estão expostos os aliados de tiranos, La Boétie alertou:

Seus favoritos devem lembrar-se menos daqueles que enriqueceram com o tirano e mais daqueles que, após terem acumulado riquezas por certo tempo, perderam em seguida seus bens e sua vida para ele; devem pensar

não em quantos fizeram fortuna, mas em quão poucos a conservaram (LA BOÉTIE, 2017, p. 73).

Contudo, as represálias e investidas contra desafetos, embora instigadas por Bolsonaro, contaram com o forte suporte dos grupos bolsonaristas, como sublinham Baldaia, Araújo e Araújo (2021): “A militância organizada por meio das redes digitais e com o auxílio dos instrumentos de fabricação artificial de avolumamento de comentários, curtidas e descurtidas (...) intensificam as pressões, eventualmente, insinuando e até executando agressões físicas” (BALDAIA; ARAÚJO; ARAÚJO, 2021).

Nessa perspectiva, o respaldo e apoio dos séquitos bolsonaristas revelou-se uma das principais **Fontes** de força política de Bolsonaro na Presidência, sobretudo na corrida eleitoral de 2022, em que as bases de apoiadores inflamadas pelas retóricas conspiracionistas e beligerantes do ex-mandatário se insurgiram em uma “guerra político-cultural” em prol de sua reeleição, levando a Servidão Voluntária ao limite.

O apagar das luzes do governo Bolsonaro: a Servidão Voluntária levada ao extremo pelo Bolsonarismo

Na última década, o Brasil vivenciou um ambiente de intensa polarização e extremismo políticos, que se difundiram entre a sociedade, contaminando as relações interpessoais familiares, sociais e profissionais (ALMEIDA, 2019; AVRITZER, 2018). Nos anos de governo Bolsonaro, esse cenário de acirramento político-social alcançou níveis progressivamente alarmantes, culminando com a conjuntura de “guerra ideológica-cultural” delineada em meio a disputa eleitoral de 2022.

Não obstante o histórico político parlamentar e as eleições vitoriosas, Jair Bolsonaro fomentou uma retórica conspiracionista sobre a lisura do sistema eleitoral brasileiro, no decorrer de todo o mandato, de maneira a mobilizar a militância contra as instituições da República, em especial, o Superior Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). À vista disso, Melo (2020) ressalta que, embora fizesse parte do sistema político por décadas e tivesse experiência com suas práticas tradicionais, Bolsonaro sempre esteve na marginalidade da política brasileira, revelando traços autoritários e antidemocráticos ainda no Congresso (MELO, 2020).

Por conseguinte, Bolsonaro expressou reiteradamente declarações dúbias ou intimidações veladas acerca de sua posição em caso de derrota eleitoral, instigando entre seus apoiadores — antes mesmo do pleito — o inconformismo e a insurreição por ocasião de um eventual fracasso nas urnas. No que concerne ao ímpeto tirânico em preservar-se no poder, Étienne elucubrou: “uma vez que se vê

acima dos outros, lisonjeado por este não sei quê, a que chamamos grandeza, decide não sair mais." (LA BOÉTIE, 2017, p. 47).

Dentre os episódios mais representativos da escalada golpista de Bolsonaro, encontra-se a reunião com embaixadores no Palácio da Alvorada, em julho de 2022, em que o ex-presidente manifestou críticas a ministros do TSE e do STF, bem como levantou suspeitas infundadas acerca da segurança das urnas e da apuração eleitoral¹⁰. Outro capítulo preocupante pôde ser assistido durante entrevista de Jair Bolsonaro ao Jornal Nacional da TV Globo, parte do ciclo de sabatinas com presidentiáveis, em que ao ser questionado sobre o respeito ao resultado das eleições de 2022, o candidato declarou: "...eleições limpas devem e têm que ser respeitadas. Limpas e transparentes tem que ser respeitadas". Todavia, ainda na entrevista, Bolsonaro fomentou novamente desconfianças em relação à segurança do sistema eleitoral.

Dessa maneira, servindo-se de retóricas conspiracionistas e insinuações golpistas, Bolsonaro incutia ainda mais furor e arrebatamento entre os séquitos bolsonaristas, exteriorizando-se sob a forma de demonstrações cada vez mais fervorosas de Servidão Voluntária. Assim, conforme a decisão eleitoral se aproximava, o radicalismo e a beligerância dos bolsonaristas se intensificavam, culminando com a propagação de dezenas de bloqueios em rodovias federais e estaduais pelo Brasil após a confirmação da vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no segundo turno das eleições, em 30 de outubro de 2022.

O silêncio de Bolsonaro nos dias subsequentes às eleições estimulou rumores e especulações acerca da possibilidade de um golpe de Estado com suposto apoio das Forças Armadas. Sendo assim, grupos bolsonaristas passaram a organizar protestos e acampamentos em frente a quartéis do Exército, clamando por uma intervenção militar que impedisse a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos acampamentos de bolsonaristas, as cenas de Servidão Voluntária tornaram-se ainda mais exorbitantes, caricatas e excêntricas, com bolsonaristas realizando grupos de orações, pedindo ajuda de extraterrestres, subindo em dianteira de caminhão em movimento, comemorando exaltadamente notícias falsas de revogação de resultado eleitoral, da prisão do ministro Alexandre de Moraes, ou mesmo, acreditando que algum revés ocorreria dentro de 72 horas.

Assim, as expectativas em torno das "72 horas" repetiram-se recorrentemente entre os grupos bolsonaristas dispersos em acampamentos pelo país, mantendo a coesão e o engajamento dos apoiadores do ex-presidente no decorrer das semanas subsequentes ao pleito eleitoral. As posturas de devoção a tiranos, que puderam ser observadas nas ações antidemocráticas de seguidores de Bolsonaro, também figuram entre os aspectos abordados por Etiénne:

[...] em todas as épocas, os tiranos, para assegurarem seu poder, empreenderam esforços para habituar o povo a sua autoridade, e não só à obediência e à servidão, mas também à devoção (LA BOÉTIE, 2017, p. 68).

Embora os ‘acampados’ bolsonaristas vociferassem pela liberdade de expressão e protesto, sob o pretexto do temor comunista que o governo de Lula representaria, também bradavam por uma intervenção militar pelas Forças Armadas. Dessa maneira, os militantes golpistas ignoravam deliberadamente não apenas a inconstitucionalidade — e irracionalidade — da “reivindicação”, mas também os 21 anos de ditadura militar no Brasil, em que liberdades e direitos civis foram cerceados e reprimidos.

A respeito da crença desvairada entre apoiadores de tiranias de que sua segurança e sua liberdade se encontram resguardadas, mesmo sob arbítrio de um tirano, La Boétie contrapõe tal vislumbre, a partir de uma análise sobre a riqueza e a propriedade:

como se alguém pudesse de fato possuir algo sob o regime de um tirano (...) sem lembrar que eles mesmos dão força ao rei para tirar tudo de todos e não deixar nada que alguém possa chamar de propriedade (LA BOÉTIE, 2017, p. 72).

As ações bolsonaristas escalaram em gravidade, alcançando a culminância em 8 de janeiro de 2023, quando grupos de bolsonaristas, após meses acampados em frente ao Quartel General do Exército em Brasília, se dirigiram em marcha à Praça dos Três Poderes, executando atentados terroristas ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e ao STF.

Em um dos episódios mais desoladores e trágicos da História Brasileira, a sociedade assistiu às cenas de destruição e vandalismo com o patrimônio público, histórico e cultural nacional, em que bolsonaristas invadiram as sedes dos Três Poderes da República, depredando mobiliário, obras de arte, documentações e monumentos históricos.

Articulado e financiado por grupos bolsonaristas, o ataque de 8 de janeiro ascendeu suspeitas acerca da leniência e omissão das forças de segurança e de autoridades do Distrito Federal. À vista da complexidade e excepcionalidade do cenário, a prisão dos ‘golpistas de 8 de janeiro’ foi determinada pelo ministro do STF Alexandre de Moraes, assim como investigações e inquéritos foram instaurados nos âmbitos da Polícia Federal, Ministério da Justiça e Segurança Pública e Superior Tribunal Federal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ataque de 8 de janeiro de 2023 marcou tragicamente a História Brasileira, bem como representou o ápice do extremismo bolsonarista e dos efeitos perversos da Servidão Voluntária. Ao longo dos excruciantes anos sob os ímpetos tirânicos de Bolsonaro, as instituições e a democracia brasileiras foram ameaçadas e afrontadas pelo ex-mandatário e pelo bolsonarismo, tendo suas capacidades de resiliência e relutância reiteradamente desafiadas.

Nesse sentido, embora La Boétie desenvolva valorosas análises e concepções sobre governantes tirânicos e a Servidão Voluntária, a obra *'Discurso da Servidão Voluntária'* reforça, sobretudo, o protagonismo de povos e sociedades na luta pela liberdade e autonomia frente a tiranias, como expresso no excerto:

quem se dispuser a estudar os fatos do passado e os anais da antiguidade encontrará poucos ou nenhum indivíduo que, vendo seu país mal-governado por mãos incompetentes e tendo agido com a boa, íntegra e autêntica intenção de libertá-lo, não tenha conseguido fazê-lo (LA BOÉTIE, 2017, p. 56).

A partir dessa passagem, pode-se depreender que, a despeito das dificuldades, provações e desgastes causados pelo bolsonarismo, a democracia e expressiva parcela da sociedade brasileiras mantiveram-se sólidas e resistentes aos arroubos tirânicos. Entretanto, as ameaças autoritárias nunca desvanecem completamente, requerendo conscientização e reflexão constantes, visto que “os livros e a doutrina, mais que tudo, dão ao homem o senso e a lucidez necessários para compreender sua própria natureza e odiar a tirania.” (LA BOÉTIE, 2017, p. 57).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. DE. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 38, n. 1, p. 185–213, 2019.
- AVRITZER, L. O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018. **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 37, n. 1, p. 273–289, ago. 2018.
- BALDAIA, F. P. B.; ARAÚJO, T. M.; ARAÚJO, S. S. DE. **O Bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa**. XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <<https://www.ptonline.com/articles/how-to-get-better-mfi-results>>
- BRASIL., T. S. ELEITORAL. **Eleições 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno**. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018->

justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ÉTIENNE DE LA BOÉTIE. **Discurso sobre a servidão voluntária**. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2017.

GOMES, L. R. Autoritarismo de múltiplas faces no Brasil: antissemitismo, bolsonarismo e educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. 1–23, 29 out. 2020.

GRANDI, F.; PINHEIRO, H. Da servidão ao dever constitucional: uma reflexão sobre liberdade a partir de La Boétie. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 24, n. 134, p. 773–794, 30 dez. 2022.

KARNAL, L. A dor da liberdade e o amor da servidão. Em: VIEIRA, J. L.; MICALES, M. L. V. (Eds.). **Discurso sobre a servidão voluntária**. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2017.

MELO, D. O Bolsonarismo como facismo do século XXI. Em: REBUÁ, E. et al. (Eds.). **(Neo)facismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. p. 12–46.

PETRARCA, F. Uma janela no tempo: a ascensão do Bolsonarismo no Brasil. **Revista TOMO**, n. 38, p. 339–371, 1 jan. 2021.

SOUSA, M. R. S. A verdade inconveniente de Étienne de La Boétie e a formação da realidade política brasileira. **Revista Mangaio Acadêmico**, v. 2, n. 3, p. 86–91, 2017.

YAZBEK, A. C. Notas sobre a natureza, a liberdade e a tirania no Discurso da servidão voluntária de Étienne de La Boétie. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, p. 183–198, 2020.